

ACERCA DA GUERRA E DA PAZ NAS CRÔNICAS JESUÍTICAS DAS REDUÇÕES. O Caso da Conquista Espiritual de Montoya

Maria Cristina Bohn Martins¹ - PPG-UNISINOS

Desde a época pré-hispânica, a província do Paraguai encontrava-se povoada por grupos indígenas, pertencentes à grande família Tupi-guarani que fizeram das áreas de bons solos da floresta subcadocifólia subtropical e tropical, seu habitat por excelência. Num processo de “colonização dinâmica”, estenderam rapidamente sua área de ocupação, deslocando ou incorporando populações de economias mais simples. Ocuparam, assim, as áreas entre os rios Paraguai e Paraná, as margens do Rio Uruguai e também as ilhas do Paraná até a embocadura do Prata. O Rio Paraguai constituía aí, uma fronteira cultural e ecológica potencialmente conflitiva: na sua margem ocidental estavam os canoeiros-pescadores payaguás e os caçadores nômades guaicurús, enquanto na oriental estavam os caçadores-cultivadores guaranis, vivendo em aldeias constituídas por linhagens aparentadas entre si.

De acordo com André Luis Soares (1997), podemos discriminar distintos graus de complexidade na organização social guarani, com seus correspondentes em nível das lideranças de cada um destes graus. Num primeiro nível estaria a família extensa ou *teýy*, que poderia albergar até sessenta famílias nucleares e cuja liderança está relacionada ao “pai da linhagem” ou *teýy-ru*; a seguir encontramos a aldeia ou *amundá*, como espaço social que reúne as famílias extensas, sendo o *tuvichá* o seu principal. A reunião das famílias extensas em povoados estreitava os vínculos de parentesco e reciprocidade, além de contribuir para a proteção e segurança da coletividade. Um conjunto das aldeias e o seu território de domínio, formava o *teko’a*, e o conjunto destes, províncias ou *guarás*, como expressão de uma área de maior abrangência. Cada uma destas províncias representava a região sobre a qual estavam implícitos o direito à terra cultivável e à exclusividade das zonas de caça, de certa forma determinando os limites dos deslocamentos das famílias em busca de novas roças. Aos guarás estaria associado o termo *tuvichá-ruvichá* ou *mburuvichá*, expressando a idéia de “cacique

entre os caciques”². Constituído-se em territórios geográficos bem definidos, os guarás conformavam, à época da Conquista espanhola, províncias designadas por nomes próprios: *Cario, Tobatin, Itatim, Guarambaré*³, etc.

Montoya, ao referir-se a Província de Tayoaba, esclarece:

*“Este era o nome de um dos caciques principais, governador de muitos povos, do qual toda aquela província tomou seu nome próprio. (...) Tinha ela um número de gente quase infinito, a qual se achava com os costumes gentios em plena observância, era muito guerreira e possuía a prática de comer carne humana”*⁴.

No interior do guará reinava uma reciprocidade positiva, evidenciada através da rede de convites para as grandes festas que reuniam os parentes e aliados, consolidavam os laços sociais e as alianças políticas. Igualmente importante era a conjugação de esforços para a defesa territorial, pois *“todo el espacio externo fuera de la Guará estaba atravesado por la violencia interétnica, la resistencia intertribal defensiva y la antropofagia que instauraba la sed de venganza y la reciprocidad negativa como forma de relación social con los enemigos”*⁵.

Para Avellaneda, os guaranis *“inmersos en un estado conflictivo (...) con las tribus vecinas, conformaban una sociedad de guerreros, donde (...) el coraje en los enfrentamientos constituían los valores más preciados”*⁶. Por isto, convocar aliados para as guerras, exercer a vingança, assim como o dom, estava na base da autoridade dos seus *morubixabas*.

A primeira referência histórica conhecida para estes grupos, sobre os quais prevalecerá o nome da língua que compartilhavam, o guarani, data de 1528: *“Aqui con nosotros está otra generación que son nuestros amigos, los cuales se llaman Guarenís (...): éstos andan dellamados por esta tierra, y por otras muchas, como corsarios a causa de ser enemigos de todas estotras naciones(...) son gente muy traidora (...) estos señorean gran parte de la India y confinan con los que habitan la Sierra”*⁷

O conjunto das notícias produzido neste contexto inicial - que Meliá⁸ qualifica como “etnologia da conquista” - pode ser dividido em dois momentos, sendo o primeiro aquele em que os índios aparecem como potenciais aliados na exploração dos caminhos que levassem à

cobiçada Serra da Prata (Ramirez: 1528; Diego Garcia: 1530; Schmidl: 1534 e Cabeza de Vaca: 1542). Logo depois, à medida que se afirmava a situação colonial e era implantado o regime da *encomienda*, a precária aliança anterior dá lugar a relações de conflito e rebelião por parte dos indígenas. É compreensível que, nos dois casos, o comportamento belicoso dos índios chamasse a atenção, assim como o fez entre os missionários da Cia de Jesus que, em suas primeiras incursões entre os guaranis, observaram e registraram notícias a este respeito.

Dentre os escritos dos jesuítas desta Província, os que procedem dos anos iniciais são os mais ricos no que se poderia definir como “conteúdo etnográfico”. Como tem salientado Meliá (1988), as referências aos índios aparecem sempre em contraste com o que se entendia como vida “humana”, e não se pode ler o registro missionário fora desta perspectiva. É este o caso de um Informe⁹, de 1620, em que o missionário, expressando sua convicção de que a catequese era o caminho pra redimir os guaranis de vários de seus vícios¹⁰, não só reafirma observações anteriores sobre as relações entre eles e as demais etnias da área, como noticia o estado de conflitividade estabelecido com os povoadores espanhóis¹¹:

“Es gente valerosa en la guerra y donde quiera que estan tienen sujetas las naciones circunveçinas. son altivos y soberbios y a todas naçiones llaman esclavos sino es al español, pero no le quiere llamar señor sino cuñado o sobriño porque diçen que solo dios es su señor. Porque como he dicho el ayudar al español y admitirle en sus tierras fue por via de cuñadasgo y parentesco. Empero después viendo los indios que los españoles no los trataban como a cuñados y parientes sino como a criados se començaron a retirar y no querer servir al español. el español quiço obligarle: tomaron las armas los unos y los otros y de aquí se fue encendiendo la guerra la qual ha perseverado casi hasta agora”¹².

“La Provincia del Parana es toda gente Guarani gente Bellicosa que siempre ha sustentado la guerra contra el español. estos indios tenían sujetas todas las naçiones que estaban el rio Parana abajo y muchas veçes tubieron a ponto de despoblar la çiudad de san juan de vera. También tenían tomado el passo de este Rio del Paraguay de manera que no se podia entrar ni salir sino con escolta de gente y a veçes con todo este resguardo quedaban muertos o pressos los que navegaban este rrio. ...”¹³.

Documentos desta ordem, assim como as cartas anuas, referentes às primeiras “fundações”, ao registrarem momentos de encontros iniciais junto à parcialidades ainda pouco ou nada conhecidas pela sociedade ocidental, possibilitam, pois, uma “entrada” junto ao guarani

ainda não conquistado e reduzido. Em boa parte, elas se referem a circunstâncias de intenso conflito, não apenas quanto a oposição estabelecida por lideranças indígenas frente a proposta de redução com que lhes chegavam os padres, como quanto aos ataques dos bandeirantes aos povoados do Guairá, Itatim e Tape.

É este o caso, também, da ‘Conquista Espiritual’ (1639), escrita por Antônio Ruiz de Montoya. Apesar da sua importância, um registro de primeira mão sobre as atividades missionárias, a obra não é uma obra de história, e as suas imprecisões, seu pouco apego à cronologia, e especialmente suas constantes referências ao sobrenatural, não recomendam que seja consultada nesta expectativa. Também não é fácil propor-se a ela uma leitura em busca de claras descrições etnológicas. Quase invariavelmente, as características do “modo de ser” guarani (MELIÁ, 1987) aparecem apenas na medida em que elas apresentam em contraste com o que vinha ser o objetivo da “modelação” moral e espiritual dos nativos.

Montoya, contudo, é um observador arguto. Ele esclarece, por exemplo, que, embora vivessem em povoações pequenas, não faltava aos guaranis um sistema de chefia e autoridade¹⁴, relativizando, assim, a impressão dos primeiros cronistas espanhóis acerca da organização – ou falta de organização – política das populações com as quais iam entrando em contato. Os “principais” ocupam a atenção do autor em vários momentos, seja na qualidade de opositores aos padres, seja como aliados, que os jesuítas, aliás, reconhecem como fundamentais para o sucesso de suas ações.

Os relatos da “Conquista” cobrem um período de tempo marcado por intensos conflitos, tanto opondo os guaranis das reduções a outros índios não convertidos, quanto por conta dos assaltos dos bandeirantes luso-brasileiros. Desta forma, podemos, no primeiro caso, acompanhar que as entradas dos padres em territórios de grupos que pretendiam reduzir, e para as quais se faziam acompanhar de contingentes de guaranis neófitos, podiam desencadear ferozes combates¹⁵. Quando nem a cooptação dos chefes locais, nem a força das armas eram suficientes, a Providência Divina, agindo pela mão dos padres, era o instrumento

capaz de “*amansar leões, domesticar tigres, e fazer de feras selváticas homens e até mesmo anjos*”.¹⁶ Percebe-se que a oposição monte (mata) x redução, serve nele, como em outros textos jesuíticos da época, para criar ou dizer diferenças qualitativas recorrentes, que reforçam constantemente as atitudes belicosas do gentio ainda não tocado pela graça da conversão. Porém, se as guerras tribais eram sinônimas de barbárie, elas encontram justificação quando feitas em torno da defesa dos princípios e interesses sustentados pelos missionários, como no caso das ações de proselitismo que contam com o apoio de índios das reduções.

É, também, o que se percebe quando da expedição punitiva organizada em 1635 contra os responsáveis pela morte do Padre Cristóvão de Mendonza, um dos agentes da expansão das reduções pelo Tape: “*Para vingá-lo, apresentaram-se logo mais de 1400 índios de guerra, recomendando-lhes os padres que não fizessem mal a ninguém, mas tratassem apenas de resgatar o corpo do santo padre. Acharam eles os inimigos mais que prevenidos, (...) fizeram os nossos uma matança muito cruel, sendo que entre eles morreram todos os que haviam martirizado o padre*¹⁷”. Ao líder do grupo hostil aos jesuítas, Tuyubay, o cacique de São Miguel, Guaybicang, reservou o castigo comum aos inimigos de guerra, quebrando-lhe a cabeça com um porrete. Vê-se que, embora sejam sempre reforçadas as atitudes belicosas daqueles ainda não convertidos¹⁸, mesmo o “exército de fiéis” podia cometer excessos, o que sugere que a ascendência que os padres tinham sobre os índios, tinha seus limites.

Apesar dos possíveis excessos cometidos pelos índios em combate, Montoya insiste na diferença entre a gente selvagem que vive na mata, e a gente pacífica que vive nas áreas abertas da redução, como quando afirma ter sido preciso mobilizar “*um bom número de fiéis*” para reprimir a ação de outro grupo que andava “*pelos campos e montes em manadas, à maneira de cães selvagens. Entram de súbito nos povoados e acometem como feras ao rebanho, fazendo suas presas*¹⁹”. Os vitoriosos guaranis, não parecem ter dispensado caridade cristã aos derrotados: “*de gente infiel morta e cativa houve muita*²⁰”. Vê-se que, na defesa de um modo de vida honesto, tal como considerava o jesuíta representarem as reduções, a guerra

e a violência poderiam ser aceitos. Percebe-se, também, que nem sempre a orientação dos religiosos era suficiente para controlar práticas tradicionais dos guaranis frente aos inimigos.

Na província de Tayoaba, “ (...) a qual se achava com os costumes gentios em plena observância, era muito guerreira e possuía grande prática em comer carne humana”, foram necessárias três tentativas para que o padre tivesse êxito em vencer às “juntas” de infiéis e fundar aí um povoado. Contra a “fúria daqueles tigres”, contudo, não foi a força das armas que conduziu a vitória, mas o auxílio invocado aos Sete Arcanjos, a quem foi dedicada povoação:

“Fundamos ali uma povoação de 2000 vizinhos e de covas de feras, em que se haviam visto senão bebedeiras, desonestidades, inimizades, mortes, banquetes de uns pelos outros ou canibalismos. (...) Vivendo antes numa inquietude contínua, agora já feita aquela terra um paraíso, ouviu-se a palavra de Deus na igreja. Em suas casas, antes de adormecer, os índios rezavam em voz alta (...) e o mesmo faziam ao despertar. Em vez de afiarem os ossos humanos para suas setas, já lavravam ou fabricavam cruces para as levarem ao pescoço, ...”²¹.

Enquanto a guerra aparecia como medida última para tratar com grupos infiéis, e apenas quando a pregação e os regalos não tinham resultado, outro plano em que ela se faz presente ao longo do texto da Conquista, diz respeito às incursões bandeirantes que passam a ocupar, a partir de determinado momento, como ameaça ao trabalho de evangelização, o lugar antes reservado ao gentio. Assim, os qualificativos que anteriormente serviam para designar os grupos indígenas refratários, transferem-se, agora aos paulistas: “Cevados nos índios, aqueles lobos trataram de destruir aos espanhóis”. Por sua vez, assim como as reduções são o contraponto da vida na selva, São Paulo, de onde se originam as expedições, aparece como espaço que permite viver fora das normas de virtude e humanidade: lugar onde agregaram-se àqueles que querem viver “com liberdade e desafogo e sem qualquer aprêmio da virtude”²². Já os guaranis, que antes eram apresentados como “gente guerreira”, capazes de articular perigosas alianças ofensivas e defensivas, aparecem, na circunstância atual, impossibilitados de reagir aos assaltos mamelucos, tendo que, a partir de 1631, recuarem da região do Guairá.

A parte final da Conquista remete aos ataques reiniciados em 1636, atingindo agora, as povoações do Tape. Ao longo dela observamos tentativas mais articuladas, embora

infrutíferas, de reação e contenção dos paulistas. Ao chegarem estes à Redução de Jesus Maria, os guaranis, tendo notícias de sua aproximação, encontram-se parcialmente preparados para resistir, tendo construído, inclusive, um pequeno fosso. Os paulistas entraram no povoado ao som de *“caixa, de bandeira desfraldada e em ordem militar, já disparando armas e, sem aguardarem parlamentação, atacando a igreja com a detonação de seus mosquetes”*²³. Nesta oportunidade, Montoya ressalta a valentia dos sitiados, o que levou a que, depois de 6 horas de combate, os agressores, como último recurso, atestassem fogo à igreja.

Ao descrever o ataque final contra os índios, agora fora da proteção dos muros do templo, ele reserva para os bandeirantes, palavras duras como “possessos do demônio”, “tigres ferozes”, “lobos” e “homicidas”²⁴, muitas das quais serviram antes para designar os índios. Ocorre aí uma verdadeira inversão de representações, na qual os “selvagens” passam a constituir a própria imagem da devoção, ao contrário dos cristãos. Montoya não duvida nunca da sincera conversão dos índios, mas questiona a fé dos bandeirantes, acusados de cometerem verdadeiros sacrilégios. Podemos dizer que, enquanto sua representação dos índios oferece facetas mais complexas, não havendo uma, mas várias imagens suas presentes na Conquista, os bandeirantes aparecem como o outro absoluto e fonte de toda maldade.

As circunstâncias que especificam a confecção da Conquista - as dificuldades iniciais da catequese e do aldeamento dos índios, os ataques bandeirantes e a necessidade política de obter respaldo da Corte - não impedem que ela sirva para informar acerca de elementos importantes sobre as práticas de guerra dos índios. Embora a obra não os tenha como objeto – e sim o protagonismo dos jesuítas ou, quem sabe, da própria Providência Divina, agindo pelas suas mãos -, ela nos permite perceber, alguns elementos centrais das práticas de guerra dos guaranis, tais como, o papel das lideranças e da vingança, a importância das alianças, dos “alardes” e das convocatórias. Ela também serve como referência para redimensionar questões como a da busca de uma “identidade guarani”, pois que as ações do grupo aparecem aqui

cindidas em conflitos de interesse entre os partidários das reduções e seus oponentes. Neste sentido, a Conquista nos convida a que reflitamos, seguindo os passos de Regina Celestino de Almeida²⁵, sobre os complexos processos de adaptação, mas também de negociação, protagonizados por missionários e indígenas.

¹ Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

² SOARES, André. *Guarani. Organização social e arqueologia*. Porto Alegre: EDIPURS, 1997. p.122- 123

³ SUSNIK, Branislava. *Guerra, Tránsito, Subsistência*. Ambito americano. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero, 2000.

⁴ MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Conquista Espiritual*. Feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape (1639). Porto Alegre: Martins Livreiro Ed., 1985, p. 110.

⁵ AVELLANEDA, Mercedes. *El ejército guaraní de las reducciones jesuítas del Paraguay en el siglo XVII*. História Unisinos. v.9, n.1, 2005, p. 19-34, p. 20.

⁶ AVELLANEDA, op. cit., p. 21.

⁷ apud: MELIÁ, Bartomeu. *El Guaraní. Conquistado y Reducido*. Ensayos de Etnohistoria. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos/Universidad Católica, 1988. (Biblioteca Paraguaya de Antropología, v. 5, p. 21.

⁸ Ver: MELIÁ, op. cit., pp. 21-23.

⁹ Relacion en que se da cuenta de las ciudades de la gobernación del Paraguay y de sus indios y del estado q. tienen (...)desiembre de 1620 años en respuesta de lo q. a cerca desto pregunto su mag.d.. In: CORTESÃO, J. *Manuscritos da Coleção de Angelis*. RJ: Biblioteca Nacional, 1951, pp. 162 -172. Doravante: MCAI

¹⁰ *A estos indios les oponen que son borrachos, olgaçanes, hechizeros mentirosos y siempre estan pensando en malicia y en trayciones, y otros mill males que les imponen*".(MCA I, p. 168)

¹¹ Importa frisar que, para o missionário, tanto quanto os guaranis, também os espanhóis parecem estar fora do que se entendia como vida humana: "*Viendose los españoles abundosos en comida de la tierra, y con tantas mancebas no aspiraron a mas, contentandose con un poco de lienço de algodón teñido de negro para su vestido: e como estaban en el Parayso de mahoma se gobernaban a su modo,(...) prendiendose y matandose unos a otros,(...)*".(MCA I, p. 163) "*Los españoles de esta tierra como casi todos tocan en indio salen en mucha cosa a sus aguelos y así son enemigos del trabajo, inconstantes en lo que emprenden, descuydados, no miran mas de a lo presente (...)*". (MCA I, p. 164)

¹² MCA I: p. 166

¹³ MCA I, p. 169

¹⁴ "*Viviam, e hoje ainda vivem os gentios em povoações muito pequenas, (...), mas não sem governo. Tinham eles seus caciques, em quem todos reconhecem nobreza herdada de seus maiores, com o fundamento de que haviam tido vassalos e governado povo*". (MONTOYA, 1639, 1985, p. 52)

¹⁵ É o que acontece quando da tentativa de Montoya de catequizar a gente da Província de Tayoaba. Embora contando com a adesão do principal da região, Montoya e seu grupo terão de enfrentar a oposição de Guiraberá e daqueles que o seguem, os quais entraram em combate com os índios que acompanhavam o missionário.

¹⁶ Montoya, op. cit., p.168.

¹⁷ Montoya, op. cit., p. 236

¹⁸ É o caso de Miguel Artiguaye, que ameaçava o povoamento de Santo Inácio em seus dias iniciais, buscando convencer a outros caciques da necessidade de expulsar os missionários da região. Segundo Montoya, os padres "*como cordeiros*", ouviam os "*os uivos desse lobo*": "*Já não se pode agüentar a liberdade dos que, em nossas próprias terras, querem levar-nos a viver segundo sua ruim maneira de vida*"¹⁸ Montoya, op. cit., p.58).

¹⁹ Montoya, op. cit., p. 237

²⁰ Montoya, op. cit., p. 237

²¹ MONTOYA, op. cit, p. p. 124

²² MONTOYA, op. cit, p. p. 125.

²³ MONTOYA, op. cit, p. p. 243

²⁴ MONTOYA, op. cit, p. p. 243

²⁵ ALMEIDA, Maria Regina Celestino. *Metamorfoses Indígenas. Identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.